

Encontrar os simples e viver
amando: a jornada de Jaci pelo
mundo da vida



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Centro de Estudos Sociais | Universidade de Coimbra

Seminário Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça Cognitiva | Prof. Dra. Maria Paula Meneses | Ph.D. POS-COL 2013-2014 | Autor: Tiago Miguel Knob | Coimbra, janeiro de 2014

Este ensaio foi desenvolvido para o seminário de Conhecimentos, Sustentabilidade e Justiça Cognitiva coordenado pela professora doutora Maria Paula Meneses do doutoramento em Pós-colonialismos e cidadania global do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, e no âmbito do Projeto Alice: “Mestres do Mundo”, também do CES, coordenado pelo professor doutor Boaventura de Sousa Santos.

Encontrar os simples e viver amando: a jornada de Jaci pelo mundo da vida

“Trata-se, pois, de destacar na trajetória de Jaci, a partir de seu próprio pensar teórico como filósofo e teólogo, seu caminhar incansável, dedicado e complementar entre pensar, dizer e agir. Assim como a razão é uma ‘astúcia da vida’, a ciência, me parece, é um *meio* para sua jornada pelo mundo da vida, marcada pelas palavras que são parte do título de um de seus livros: ‘*Sirvo à Vida, sou feliz!*’. Dessa forma, talvez, possamos nos aproximar daquilo que permanece (quase) imperceptível à razão moderna e aparentemente simples aos sábios mestres: a capacidade de inspirar o *outro* negado, excluído, oprimido e oculto pela modernidade a erguer a cabeça e caminhar [...]”

Tiago Miguel Knob,
Coimbra, inverno de 2014.

Car@s amig@s

Meus sessenta e quatro anos. Sabor de dualidade.
Meninice e experiência.
Sonho e rebeldia.
Saudade e ousadia.
Fé e amor, razões de nossa utopia factível.
Virtuoso e virtual.
Reencontrar os amigos no *facebook* pelo milagre do *www*.

30, 40 e 50 anos passados
mais parecem hoje ou ontem à noite,
na missa matinal do Morro do Anhangava ou Pedra Branca,
nos acampamentos no Lar dos Meninos à beira da Lagoa da Pampulha,
ou curtição da fé dançarina nos desertos saarianos de Cabo Verde.

Quando vocês nos mandam fotos de nossas vivências *face-to-face*
nas quais nos sentíamos em praça de aldeia no vai-e-vem das ruelas de Roma,
ou no Bexiga, nas periferias de Floripa e por aí vai...
Parecem álbuns virtuais de relações virtuosas...
Como hoje, em nossas salas de aula presenciais e à distância ou no gostoso e desafiador
viver familiar...

Mais ou menos assim. Um mundo dentro de casa e uma casa aberta aos mundos...
Alunos do viver como HOMO SERVIENS!
Dá-lhe vida! Sempre como eternos aprendizes na escola da professorinha VIDA!

Jaci, setembro de 2013

Encontrar os simples e viver amando: a jornada de Jaci pelo mundo da vida

Uma breve apresentação deste sobre quem escrevo

Erga a cabeça e caminhe com seus próprios pés! é uma frase, não me recordo o autor, escrita em uma folha de papel presa à porta de uma pequena sala em uma universidade no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil. São palavras simples. A frase é simples. E se o simples fato de pronunciá-la fosse capaz de atingir o objetivo que propõe, muitas das injustiças e sofrimentos humanos causados pelos homens seriam enfrentados, talvez, com muito mais força.

A emancipação das mulheres, homens e povos é um dos temas com os quais grandes pensadores buscam dar respostas e oferecer caminhos frente às tantas perversidades produzidas e reproduzidas pelos seres humanos ao fazer a história.

Mas sabemos que o simples fato de pronunciá-la em voz alta não basta para o seu fim. Principalmente quando se escolhe estar entre aqueles que não têm escolhas, envolto aos - parafraseando livremente este sobre quem escrevo -, considerados inúteis sociais porque já são velhos, ou/e portadores de deficiências múltiplas, sem ninguém a seu favor, nem mesmo a mãe natureza - incapazes de produzir -; aqueles que vivem rolando pelas calçadas e praças, nas ruas e viadutos, ou apodrecendo em algum mangue, barraco de favela, rancho de canoa ou feito bicho do mato em abandono; ou entre os jovens cujo lar é a rua, sem famílias, jogados e largados nas cadeias feitas, no Brasil, para os “menores delinquentes”; ou ainda, entre o povo originário em cuja luta por se refazer, ainda como *guarani em beira de asfalto*, não desiste de sua língua, fé e tradições que são como *brasas debaixo das cinzas* diante do mundo moderno e o seu progresso imenso, mas profundamente desumano (Gonçalves, 2013).

Um mundo que, voltando a parafraseá-lo (Gonçalves, 2013), ao centro não estão a pessoa humana e os povos com suas necessidades e as suas preferências, mas a mercadoria e o mercado aos quais tudo e todos devem estar submissos, num contexto

em que o ser mais ameaçado da criação não são as baleias, mas os pobres, condenados a morrer prematuramente.

Submersos em realidades cruéis, desumanas, desumanizadoras, a frase *erga a cabeça e caminhe com seus próprios pés!* ganha sua complexidade e riqueza, necessidade e urgência e, inclusive, em casos extremos como os *velhos portadores de deficiências múltiplas apodrecendo nos barracos, abandonados como bichos do mato*, sua aparente impossibilidade. Apenas aparente.

Trata-se, pois, neste ensaio, de destacar na trajetória de Jaci, a partir de seu próprio pensar teórico como filósofo e teólogo, seu caminhar incansável, dedicado e complementar entre pensar, dizer e agir.

Assim como a razão é uma “astúcia da vida”¹, a ciência, me parece, é um *meio* para sua jornada pelo mundo da vida, marcada pelas palavras que são parte do título de um de seus livros: *Sirvo à Vida, sou feliz!*. Dessa forma, talvez, possamos nos aproximar daquilo que permanece (quase) imperceptível à razão moderna e aparentemente simples aos sábios mestres: a capacidade de inspirar o *outro*² negado, excluído, oprimido e oculto pela modernidade a erguer a cabeça e caminhar.

Os sábios encontram os simples na arte de viver amando: muito além das palavras

Debruçar sobre a vida de Jaci tem me permitido experienciar aquilo com o qual muitas vezes parece estar restrito apenas a discursos, a palavras vagas repetidas “das bíblias” e suas interpretações; a frases que não passam de mera hipocrisia quando, em todos os campos da vida social (inclusive política e religiosa e, em especial, acadêmica), é imensa a distância dos que as pronunciam e suas práticas (independente do discurso, da religião, da ideologia, do pensar, etc.), mas que, como alguns provam, não são

¹ A partir de Enrique Dussel e sua obra *Ética da Libertação* (1998).

² O ‘*outro*’ da *Ética da Libertação* a partir de Enrique Dussel (1998). O ser humano negado pelo sistema, o *outro* do sofrimento produzido, reproduzido e oculto pela *modernidade* -, que ‘nas mãos’ e por pessoas como esse sobre quem escrevo, é *reconhecido* como o *Outro como sujeito*, autônomo, livre e distinto (não só igual ou diferente), como *ser vivente*.

necessariamente. Debruçar, portanto, na jornada de Jaci, tem me permitido, por exemplo, acreditar na arte de viver amando. O pensar, a fala, as palavras, se concretizam em anos incansáveis de dedicação e resistência ao e com o *outro*.

Os sábios encontram os simples é parte do título de um pequeno capítulo de sua obra escrita no inverno italiano de 1995 e 1996, um dos textos para seu doutorado em Teologia e Culturas, publicada em 2013, e que nos ilumina quanto a sua caminhada. Nela, Jaci reflete sobre as ciências, filosofia, economia, comunicação, política e salta, de números científicos, à arte de viver amando: os dados científico-históricos procuram dar suporte ao balanço dos resultados da aventura humana no planeta nos últimos mil anos e, “sobretudo no século XX, podemos medir até onde somos devedores de crescimento na arte mais divina em Deus e mais humana no homem: a arte de viver amando, e, de amar morrendo” (Gonçalves, 2013: 9).

Esse amor do qual fala é *agapé*. O homem, para Jaci, é um “nó de relações vitais e é desta ação que dependem sua felicidade e sentido de vida” (Gonçalves, 2013: 9). Nestas relações, parafraseando-o, a aproximação com a alteridade impõe riscos e desafios. Corre-se, por exemplo, o risco de uma aproximação onde o outro seja uma simples atração biofísica para ser usado e voltar a si mesmo (*eros*, dizem os filósofos). Arrisca-se, também, numa relação de amizade íntima (*filia*) em profundidade; ou numa relação de companhia, num caminho conjunto (*koinonia*)... Por fim, o homem pode arriscar-se ou assumir o desafio de uma relação de *agapé*, ou seja, uma inter-relação a serviço de um projeto de vida comum que inclui oblação, entrega, sofrimento. Amor, então, conclui, é *agapé*, não *eros*. “Deus é amor e o amor é direito humano essencial” (Gonçalves, 2013: 9).

É esse *amor* que, além das palavras escritas e de forma silenciosa, me parece, o move. Um caminhar cuja referência, uma das, talvez a principal, é a vida de Jesus. Difícil escrever sobre Jaci sem citar Jesus. Em sua aula de Ética no curso de Comunicação Social na Universidade do Sul de Santa Catarina, em meio à viola, canções e poesias, compreendi, ou escolhi compreender, a partir de um pequeno e único momento no qual tocou no assunto, Jesus como um ser humano que assumiu para si a responsabilidade da antiga profecia de amar morrendo.

Talvez por esse encanto Jaci optou pelo celibato e, ainda jovem, com seus vinte e poucos anos, se tornou padre. E assim seria até a década de noventa quando abandonou a batina. Porém, a vida que escolheu seguir nunca foi atrelada ao manto: “troquei de batina mas não mudei a missão”³. A missão, em minhas palavras, de *encontrar os simples e viver amando*. Não há em seu caminhar qualquer palavra dita, escrita, sem um compromisso profundo, sincero e dedicado de corpo, mente, alma, ethos com seu caminhar pelo mundo da vida, com o compromisso da opção de estar com os que não têm escolhas, com a humildade de quem sabe o quanto tem a aprender com quem a sociedade moderna ignora, oculta, oprime, exclui e mata. Em suas palavras, com nosso povo-comunidade de batizados e não-batizados, de vários países, mas sobretudo do Brasil, “a grande família cujo único sobrenome é humano, e em cujas vidas a história ousada de Jesus se repete, de forma bem especial, no anonimato e heróico mundo dos excluídos. Excluídos dos direitos humanos à vida e à liberdade” (Gonçalves, 2013: 4).

Como os sábios de quem fala, Jaci optou pelos simples e encontrou-os. Algo, talvez, impossível sem se debruçar como aprendiz dedicado na arte de viver amando e amar morrendo.

A que(m) serve o seu conhecimento⁴

Dois nomes marcam Jaci em sua caminhada. Lauro é um deles. Chegou no dia oito de março de 1991 à Orionópolis Catarinense, lugar do qual falei, levado pelo padre Carlos e um leigo comprometido da cidade de Palhoça, Santa Catarina. Após dois meses de luta para recuperá-lo, faleceu no Hospital Florianópolis. Seu corpo não pesava mais que vinte quilos com seus cinquenta e oito anos. Algumas semanas após seu óbito chegou o resultado da tomografia computadorizada mostrando vários carcinomas, inclusive no cérebro. Jaci recorda que o que mais lhe chamou a atenção foi sua impossibilidade de assimilação dos alimentos: *Lauro provinha da fome, uma fome crônica que o levou à morte*. Foi encontrado, lembra, num rancho de mangue em condições subumanas. Em sua carteira de trabalho trazia a profissão de servente de

³ Entrevista concedida ao site *NA capital*: <http://www1.an.com.br/ancapital/2002/abr/05/index.htm/> acessado em 04 de janeiro de 2014.

⁴ Esta é uma frase escrita em *grafite* nas paredes do interior da Universidade do Sul de Santa Catarina. Não sei se parte de algum projeto de Jaci com seus alunos, mas coincide com seu pensar.

pedreiro. “Choramos um choro doído naquele enterro realizado ao meio-dia no Cemitério do Passa Vinte. Nas orações, uma meditação especial sobre seu nome: Lauro, certamente do radical latino, ‘aurum’, que quer dizer ouro. O ouro de Deus” (Gonçalves, 2013: 12).

Depois, a morte da primeira mulher. Mais uma vez, na Orionópolis. Jaci a encontrou em Capoeiras, um bairro de classe média da capital do Estado de Santa Catarina. Acabara de ser despejada de um barraco em que as relações de convivência impossível com seu pai e filho, este último também especial, é difícil descrever. Interessa seu nome: Irene, que da proveniência grega significa paz. Mas ela era o protótipo da guerra, da neurose aloprada. Depois sofreu derrame. “Foi convertida ao amor pela dedicação de amor. Quando morreu, era o símbolo da alegria, da paz alegre, reconciliada” (Gonçalves, 2013: 13).

Lauro e Irene, a lembrança, para Jaci, de que todo masculino e feminino são sagrados.
E assim, reflete:

Haverá grito, clamor maior nos nossos ouvidos, e mais chocantes do que o clamor dos Lauros e Irenes que aos milhões apodrecem nos infernos da exclusão, do abandono, da solidão, da fome? Se viemos para amar, nossa história é a história de nosso coração, viemos para promover *relações adequadas a fim de que todos tenham vida e vida qualitativa.* (Gonçalves, 2013: 13).

Trata-se, portanto, dos milhões de *Lauros* e *Irenes* espalhados e invisíveis pelos cantos do mundo: do *outro*, do ser humano negado pela *cultura da morte*; o *outro* do sofrimento produzido, reproduzido e oculto pela modernidade. Aquele que “nas mãos” de pessoas como Jaci, é reconhecido como o *Outro*, como sujeito, autônomo, livre e distinto, como ser vivente em toda sua dignidade absoluta de ser *ser humano*, como diz, sagrado, mas impedido de ser pelo habitual. Na ação, a contradição explícita e expressa em seu rosto de faminto e sofredor que clama em silêncio por socorro é subvertida em sorriso, e da contradição da realidade concreta daquele que clama mudo por justiça, a responsabilidade está em transformar as estruturas que o desumanizam. A ciência é um meio para tal e assim, Jaci oferece um caminho, *o direito de saber para servir à vida: Quando deságua na vida, quando se deixa governar pelo valor e pelas experiências da vida humana, a ciência cria um processo biocrático e dá um salto realmente ético: a*

vida agradece!; ensina Jaci e afirma, portanto, as ciências como um meio para responder às nossas necessidades vitais: “estão a serviço da grande e única família humana, a serviço do desenvolvimento, da proteção e do sentido da vida, de todas as vidas humanas, mas também dos outros seres vivos, do ecossistema, do cosmos, enfim. Do contrário, a quem servem as ciências?” (Gonçalves, 2013: 15).

Para este sobre quem escrevo, convivemos com imensas regiões do mundo nas quais a maioria dos habitantes se debate e se consome na luta pela sobrevivência. O preço pago é altíssimo. Este quadro de miséria é, sobretudo, continua, escandaloso se se compara à vida opulenta daqueles que dispõem das vantagens oferecidas pela riqueza e bem-estar. Porém, responde às dificuldades impostas com a autoridade de quem aprende ensinando e ensina aprendendo com os *outros*, com a vida, com o caminhar diário de quem é sujeito incansável a favor da vida e provedor de esperança:

É difícil realizar o “novo” tão suspirado quando viajamos pelos setores complexos e estruturais com tantos desafios para as comunidades nesta nossa época. Às vezes nos escondemos, noutras nos cansamos. Mas ninguém nasce fora de época. Cada um vem “sob medida” para fazer a história. E a tarefa de viver com amor, lei maior, sempre exige uma graça especial. (Gonçalves, 2013: 39).

Trata-se, portanto, da humildade do *saber para servir* como negação à arrogância do *saber como dominação*, de uma ciência que, para Jaci, reflete o mesmo espírito de dominação dos conquistadores e colonizadores: o ópio de um povo anestesiado pelo pensamento único do primado da economia sobre a política, do capital sobre o ser humano, produtor do sempre crescente, na democracia atual - escrevia em 1995 -, “número de cidadãos que ainda tem sede de liberdade e se sentem dopados, anestesiados por uma espécie de doutrina gelatinosa que insensivelmente neutraliza qualquer raciocínio de sã rebeldia, de indignação afirmativa” (Gonçalves, 2013: 16); um saber como dominação que confunde os homens e mulheres, paralisa-os até sufocá-los: “o pensamento único, único autorizado a expressar-se através de uma invisível e onipresente *polícia de opinião*” (Gonçalves, 2013: 16).

Trata-se, mais uma vez, do *saber para servir à vida* diante do *saber para matar*, para Jaci, da “irracionalidade da racionalidade sistêmica” que se traduz na ideologia que diminuiu a importância do social e de seus valores: uma ideologia que apela

sistematicamente ao individualismo. “Neste contexto ideológico a única ‘*coisa*’ social que parece ter valor é *o mercado* que tem pouquíssimo de social, como todos sabemos”:

Esta ideologia induz e explora um “*sentido de pertença comum*” tão dominador que induz as maiorias, seja no Norte como no Sul, a aceitar custos e sacrifícios muito altos quando se trata de salvar o sistema, o tal mercado. É uma ideologia útil para aqueles que administram instituições e processos sistêmicos, de roldão aderem também os pobres, aliciados a sacrificar-se no altar do sistema (Gonçalves, 2013: 25).

A esse respeito, segue Jaci, já é possível falar de uma “religião civil” cujo núcleo sacro tem como uma das manifestações mais evidentes o mercado como “totem”, porque se trata de um manufaturado, de uma obra humana:

Aprofundemos um pouco mais as causas desta chacina anual de nossos dias, este grito silencioso dos famintos que clama ao Deus da Vida por justiça. Na verdade, são os novos sacrifícios humanos ao deus-capital. São 40.000 crianças vítimas mortas por dia em seu holocausto (Gonçalves, 2013: 16).

E afirma: “Nosso jeito dominador e não sabiamente servidor da vida, de todas as vidas, é responsável por todas as vítimas” (Gonçalves, 2013: 15). Trata-se, portanto, para Jaci, do *saber de uma cultura da morte*: “Nunca matamos tanto, e tão impiedosamente, e em tão pouco tempo” (Gonçalves, 2013: 15); e da responsabilidade de todos pela morte de milhões denunciada pelos números do século XX: a “morte de 40.000 crianças por dia devido à miséria” (Gonçalves, 2013: 17). Porém, como diz, quem conhece a força dos pobres, a sua impossível alegria de barraco, a criativa ginga do samba que nasce no morro após 350 anos de escravidão, não encontra justificativas para não seguir diante das injustiças:

O mínimo a fazer é mergulhar no rio da história e nadar contra a correnteza. É preciso perseverar no caminho. Hoje temos a necessidade de personalidades fortes e honestas, em cada campo da vida social, econômica e política com o jeito ousado e determinado do Bom Samaritano, aquele que seguiu pelo caminho do não obrigatório (Gonçalves, 2013: 40).

Como compromisso dedicado e concreto entre pensar e agir, inclusive sobre a morte de crianças, vai além das críticas. Porém, não damos o passo seguinte sem reforçar o que aprende e nos ensina com Irene: *foi convertida ao amor pela dedicação de amor*; com entrega, dedicação, sofrimento, numa relação profunda e sincera a serviço de um projeto

de vida comum, algo invisível aproximado aqui por *agapé*. Uma relação cuja essência nos parece imperceptível, com aquele que é invisível e oculto pelo mundo moderno, e que alcança, por tudo isso e por mais, aquilo também muitas vezes ignorado ou desprezado pelas “instituições” cujo objetivo é manter em pé a “coisa”, ou pelas pessoas cujo cinismo mantém os olhos acomodados em suas próprias direções: *Quando morreu, era o símbolo da alegria, da paz alegre, reconciliada*; o sofrimento subvertido em paz.

Parafraseando-o, é neste discernimento e enfrentamento que as religiões, as igrejas, as organizações comunitárias humanizadoras podem entrar repondo os valores da pessoa como a mais sagrada riqueza, fortalecendo organizações, fomentando o poder da própria organização dos excluídos como uma força transformadora surpreendente porque o oprimido quando emerge, emerge como sujeito criativo e reivindicador. É aí, também, “que o serviço e a arte da ciência política diante da economia pode acontecer no habitat concreto da comunidade” (Gonçalves, 2013: 26). E conclui: “que todo o saber esteja a serviço da vida para todos!” (Gonçalves, 2013: 20). Trata-se, portanto, agora, da morte da criança subvertida em justiça.

Muito além da crítica: com a economia da pobreza, não morreram mais crianças por fome

Às vezes não acho bom nem lembrar – dizia Jaci (2013) – dá arrepios e náusea. Enterrei muito neném que morria de “subnutrição”, segundo o laudo médico; “é anjinho, melhor assim, foi com Jesus!”, consolavam-se uns aos outros. Eu era padre novo, 25 anos. As comunidades tinham colonos de descendência italiana, polonesa, cabocla e novos migrantes. Era periferia de Curitiba, Paróquia de São Sebastião em Quatro Barras, Estado do Paraná, Brasil. Após dois anos, Jaci com os demais membros da Paróquia conseguiram fazer o levantamento da realidade e elaborar uma diagnose pastoral. Em cada uma das oito capelanias havia junto do templo um pequeno terreno e alguma construção de madeira para as festas anuais de cada localidade. Com mulheres dispostas da comunidade estimulamos um processo de proteção à vida das crianças. Os homens também apoiaram, relembra.

Após sete anos de trabalho sistemático, construímos oito centros comunitários para prezinhos e creches, clubes de mães e de gestantes e educação dos jovens à política. Com as economias da pobreza de cada comunidade, não enterramos mais criança por morte de fome (Gonçalves, 2013: 21).

A primeira creche recebeu o nome de “Nossa Creche”. Ela nasceu num momento doído, um funeral infantil em fins de novembro. *Ficamos três domingos sem comunhão, como penitência. A missa ia até o rito da oração dos fiéis – conta Jaci. No dia de Natal, fizemos um ofertório inesquecível: todas as pessoas que tinham roupas de neném, fraldas, bercinho, trouxeram para o presépio; assim começou a “nossa creche”. O processo foi multiplicando-se aos poucos, até por via política, na forma de reivindicação. Tínhamos nosso slogan: “mais vale pobreza partilhada que riqueza mal distribuída”, e termina: após 12 anos, passei por lá. Mesmo sem o apoio efetivo de autoridades civis e, em certos momentos até eclesiásticas, o povo tocou em frente os projetos animados pelo velho refrão: “Eu vim para que todos tenham vida, que todos tenham vida plenamente!” (Gonçalves, 2013: 21).*

Dessa história de vida compartilhada por Jaci, encontramos um pouco do que estas páginas têm tentado transmitir até aqui, e das quais nos encaminham para aprofundá-las. Trata-se da busca de uma solidariedade competente que, para ele, não visa só superar a instância de *esmola, de ajuda*, tampouco criar *ilhas de troca* entre comunidades; trata-se ainda menos de planos com o *invólucro de solidariedade* mas cuja ação burocrática corrupta canaliza os fundos para seu próprio bem-estar em vez de atingir o alvo que é, como diz, o *sujeito-comunidade-local em libertação*.

A verdadeira solidariedade, para Jaci, supera a ingenuidade de atuação, usando os mesmos campos e redes de mercado, porém, com um espírito concreto e vigilante de economia de reciprocidade à moda de inúmeros esforços que se tem feito nas últimas décadas.

Assim, com o trabalho sistemático com a Comunidade de Quatro Barras, periferia de Curitiba, Paraná, afirma-se aqui o concreto, o fundamental e urgente que ensina seu caminhar: *Com as economias da pobreza de cada comunidade, não enterramos mais criança por morte de fome.*

Da opção pelo invisível, por aqueles que se encontram no não-lugar, na periferia, e sempre entre os que mais dificuldades enfrentam e em maior vulnerabilidade a vida se encontra, Jaci nos compartilha relatos locais de uma *cultura da morte*, a mesma que critica em seus estudos, mas que agora, negada por todos os que se deixam governar pelo valor da vida, a partir da própria pobreza, com a comunidade antes responsável pela morte da criança como simbolizado na penitência da comunhão entre todos, é responsável por todas as crianças que não mais morrem por fome, a partir da habilidade política de concretizar, com dedicação, entrega, compromisso e anos de trabalho incansável, uma ideia simples que se torna forte quando compartilhada: *mais vale pobreza partilhada que riqueza mal distribuída*. Assim, constrói histórias de uma comunidade biocrática que, quando ergue a cabeça e caminha, não depende mais daquele que os inspirou e segue.

Jaci se despediu, mas a obra que inspirou permaneceu e, após doze anos longe da Comunidade de Quatro Barras, voltou e viu o povo, apesar de todas as dificuldades, caminhando com os próprios pés e apenas com os próprios pés porque, em última instância, são os únicos com que se pode realmente contar.

O direito à desculpa e a arte de amar morrendo

Há pouco mais de vinte anos um repórter entrava *ao vivo* em TV aberta com a notícia sobre o terceiro aniversário da Orionópolis, lugar criado para acolher crianças e aqueles velhos considerados inúteis sociais cuja realidade foi resumida acima, para entrevistar seu fundador, ainda padre, e perguntar qual era a maior alegria que poderia ser comemorada naqueles três anos de Orionópolis. De forma espontânea, este sobre quem escrevo respondeu:

Todos os que morreram, morreram amando! Todos os 12 moradores já falecidos tinham mil razões para morrer maldizendo a vida, a sociedade e até a si mesmos. Mas morreram perdoando, amando, como que para deixar-nos a notícia de que “amor com amor se paga, e ódio com amor também se paga.” Esta é a maior alegria que temos para comemorar com todos vocês (Gonçalves, 2013: 5).

E, como segundo ele, a opção pelo pobre se traduz em busca de justiça, a opção pelo outro se concretiza no diálogo, nos ensina aprendendo com o *outro* (num diálogo muitas vezes sem palavras) cujo *caminhar com as próprias pernas* parecia impossível, mas que agora, livre, ergue a cabeça e, contra todos os prognósticos, ensina:

Eles convivem com estruturas de morte lenta desde a vida pré-natal, e quando conseguem nascer, vão até o morrer, em geral com velhice precoce e doença rara, uma verdadeira tortura permeando-lhes o cotidiano. É impressionante como a fé lhes dá fôlego, resistência e persistência instancáveis. É a sabedoria dos humildes. Eles sempre elegem o perdão, a desculpa, como elemento inicial para crer de novo na força do amor (Gonçalves, 2013: 6).

As Orionópolis têm suas raízes inspiradas em Dom Orione cuja trajetória foi fonte para o livro *Dom Orione: Missionário no Brasil* de autoria de Jaci e depois revisitado para a criação do documentário “Dom Orione e o lugar Eclesial do negro no Brasil”.⁵ A opção de Jaci por escrever sobre Dom Orione não é ao acaso. Assim como faz à ciência como filósofo, como padre denunciou e questionou as injustiças cometidas dentro da Igreja Católica e fora dela, porém, buscando dentro das instituições os caminhos biocráticos, a favor da vida, possíveis. Assim, inspirado, me parece, também por Dom Orione e movido pelo próprio pensar dedicado e comprometido com o *outro*, enquanto pároco da Paróquia de São João Batista e Santa Luzia na comunidade de Capoeiras, cidade de Florianópolis, teve a iniciativa de fundar ali, na década de oitenta, a Orionópolis Catarinense. A matéria resume:

As Orionópolis existem na Itália e em vários países da América do Sul, como Argentina, Chile e Uruguai. São dirigidas por padres orionitas, petencentes à Congregação da Pequena Obra da Divina Providência. Eles seguem a doutrina de Dom Luís Orione (1872-1940) [...]. Em Florianópolis, o trabalho foi iniciado nos anos 80 pelo padre Jaci Gonçalves, da Paróquia de Capoeiras. Em 1990, foi construída a Orionópolis em São José.⁶

Em vinte de novembro, dia de Zumbi dos Palmares, de 2013, foi realizado na Universidade do Sul de Santa Catarina um encontro para debater e refletir o que propõe o dia da “Consciência Negra”. Tendo como interlocutora Vera Costa Maria, a primeira jornalista negra de Santa Catarina, foi relançado nessa noite o DVD “Negritudes na

⁵ O documentário pode ser assistido na íntegra em: <http://www.youtube.com/watch?v=hX4DmQ3e6NM>.

⁶ Matéria do site *AN capital*: <http://www1.an.com.br/ancapital/2002/abr/05/index.htm> acessado em 13 de janeiro de 2014.

Unisul” com seis produções de negros e sobre negros desenvolvidos pelos estudantes de Comunicação Social nos últimos anos nos cursos da universidade. Na ocasião foi lembrada a participação de Vera Costa Maria como narradora/repórter no documentário “Dom Orione e o lugar Eclesial do negro no Brasil” realizado há dezenove anos a partir do livro também já citado de Jaci, *Dom Orione: Missionário no Brasil*, que apresenta, em uma de suas passagens, o testemunho de Irmã Inês na década de noventa sobre seu ingresso na vida religiosa por volta dos anos sessenta e setenta numa fala sutilmente cruel quanto aos desafios do negro dentro da Igreja Católica no Brasil: *quando eu estava procurando uma congregação para ser religiosa, não encontrava, porque várias congregações não me aceitavam justamente pelo problema da cor.*

Vera Costa Maria narra, então, alguns dos alicerces da perversidade denunciada por Irmã Inês:

A Igreja da época dirigida pelo padroado português e espanhol tinha interesses políticos e econômicos que a impediam de lutar contra a escravidão. O processo de discriminação era permitido dentro da própria Igreja. As primeiras constituições do arcebispado da Bahia de 1707 prescrevem no seu título 53 o impedimento de descendentes de negro ao sacerdócio.

O documentário segue com a narração do que continha os anais do arcebispado da Bahia em suas primeiras constituições, e que vai além da proibição do sacerdócio aos negros: *se é raça infecta ou de negro ou mulato; se é corcovado ou aleijado de perna, braço ou dedo, ou tem outra deformidade que cause escândalo ou nojo algum a quem o vê, este estará impedido de exercer o sacerdócio.*

Nascido em Piemonte, Itália, discípulo de Dom Bosco, São Luís Orione pregava a evangelização pela caridade sem nada dever à verdade e à justiça. É fundador da Congregação dos Filhos da Divina Providência, das Pequenas Missionárias da Caridade e Irmãs Sacramentinas Cegas com centenas de religiosos e religiosas. E, como destaca o documentário, um contestador da sociedade e da Igreja de seu tempo.

O contato de Dom Orione com o Brasil no início de 1900 anuncia o propósito de mudar a realidade discriminatória dentro da Igreja, o que culminou na criação da primeira

congregação a abrir espaços para religiosos negros no país. Em mais uma passagem do vídeo, Irmã Inês registra esse fato:

Eu me sinto muito realizada e feliz nessa congregação. Bati em três congregações e não fui acolhida. Uma pelo fato de ser negra, outra pelo fato [de] meus pais [serem] separados. A terceira Congregação que eu bati, havia dois tipos [...]. Como as de cor [...] ficavam com o serviço mais humilde, de lavanderia, cozinha, eu pensei diferente, aqui eu não vou ficar também. Eu quero uma Congregação onde todos são tratados iguais sem discriminação, e fui encontrar na Congregação de Dom Orione tudo aquilo que eu procurava.

Jaci conclui o filme com a seguinte mensagem:

Dom Orione, missionário no Brasil, assumiu uma posição incômoda e difícil com relação ao resgate da cidadania eclesial do povo negro e seus descendentes. Quem segue como filho ou amigo de Dom Orione deve ter posição semelhante, mesmo que pareça que está caindo no ridículo. Assim, aqueles que são os excluídos da sociedade deverão ser para nós os primeiros grandes amores de nossa vida.

Não apenas em função dos negros cuja força e resistência sempre foram das mais presentes no Brasil, apesar de toda irracionalidade preconceituosa ainda presente na sociedade brasileira, mas inclusive em função daqueles também lembrados negativamente pelo arcebispado da Bahia, ou dos velhos e jovens portadores de deficiências múltiplas em abandono, largados como bichos do mato, Jaci planta a semente do que é hoje referência no Estado de Santa Catarina. Encontra-se no site da Paróquia de São João Batista e Santa Luzia o orgulho de ter surgido ali a Orionópolis Catarinense:

A obra de maior destaque que teve aqui sua semente plantada, foi a "Orionópolis Catarinense", uma iniciativa do então Pároco Pe. Jací da Rocha Gonçalves. A Orionópolis hoje tem sua sede na Paróquia de São José, em um imóvel doado à instituição através da Mitra Metropolitana e por interveniência de Pe. Pedro Koehler, por Dona Maria Alves de Sá Matos.⁷

Uma semente que acolhe atualmente centenas de não mais invisíveis, e que não só recebem atenção, carinho e cuidados, como erguem a cabeça e ensinam, como os doze que morreram perdoando e amando já nos primeiros três anos de obra, ou como os tantos Lauros e Irenes.

⁷ Site da Paróquia de São João Batista e Santa Luzia: <http://www.capoeiras.org.br> acessado em 13 de janeiro de 2014.

A iniciativa de Jaci e seu trabalho incansável a favor e com os abandonados e considerados *inúteis* da sociedade, acolhe há vinte e cinco anos pessoas especiais, crianças, adultos e idosos portadores de deficiências físicas, sensoriais e psicológicas, algumas dessas classificadas como raras e de tratamento de alta complexidade. O atendimento é dispensado a pessoas que realmente precisam, totalmente dependentes, de toda a região da Grande Florianópolis e é, atualmente, referência no Estado de Santa Catarina neste tipo de atendimento.

É o que se conquista quando a negação imposta pelo mundo moderno é negada, subvertida e afirmada por uma comunidade que assume aquela mesma responsabilidade expressa por um outro mestre: *Não quero caminhar sobre as cinzas dos cegos, dos surdos e dos mudos*.⁸ Seus moradores seguem recebendo além de moradia, alimentação e tratamento contínuo com profissionais das mais diversas áreas, carinho e, acima de tudo, amor, ou, no melhor exemplo de seu fundador, como com o jovem Patrick, *agapé*. Aquele que faleceu aos 15 anos desafiando todos os prognósticos médicos de óbito aos dois anos de idade. Usava apenas a linguagem térmica da febre para dizer: *Toquem-me, quero viver!* “Foi o primeiro jovem a morrer no Lar São José da Orionópolis. Outro menino herdou seu nome como símbolo de jovem biocrático, ou seja, que se deixa governar pelo valor inestimável da vida” (Gonçalves, 2013: 7).

Cabe-nos, pois, para Jaci, “a obrigação de dar o máximo de espaço a esses pobres de Javé, teimosos em sua maneira quase sempre absurda de crer no Deus da vida; porque seu grito de fé vem de um contexto histórico superlotado de desafios.” E aqui, se reforça: “É a sabedoria dos humildes. Eles sempre elegem o perdão, a desculpa, como elemento inicial para crer de novo na força do amor” (Gonçalves, 2013: 6).

Um ensinamento que, de tão sutil, permanece (quase) oculto com os humildes considerados inúteis da sociedade moderna, e nos limites das contradições de sua razão escondidas em suas afirmações, para usar um termo de Eboussi Boulaga (1977), vazias e grandiloquentes. Ontem e hoje, é essencial às ciências, a sabedoria de lavar os pés, ensina-nos este sobre quem escrevo.

⁸ Palavras de Mahatma Gandhi lembradas por Boaventura de Sousa Santos, 2011, página 377.

O renascer de um povo e a nossa revolução do olhar

Um dia um garoto foi até Jaci e lhe entregou uma pequena coruja esculpida em madeira. Era um jovem que Jaci conhecia desde quando menino dos corais que foram se formando na aldeia e que lhe disse:

Eu estou voltando com um presente pra você. É uma coruja. Eu fiz essa coruja com muito capricho porque, de uma certa forma, essa coruja sou eu. Quando eu nasci o Pajé me disse que Deus disse pra ele que eu seria parecido com uma coruja no meio do meu povo. Eu deverei, como a coruja, olhar para todas as direções. Eu deverei estar atento, porque meu povo também vive na escuridão, e eu deverei ser aquele que guia meu povo inclusive na escuridão. E a coruja sempre tem razões para um canto na madrugada. Ela está sempre acordando, e eu nasci para isso.⁹

A aliança de Jaci com o povo Mbyá Guarani da aldeia indígena da terra sagrada do Morro dos Cavalos em Palhoça, Santa Catarina, começou em 1998. Os Mbyá Guarani eram cinco milhões na descoberta e invasão européia do Brasil. Após quinhentos anos foram reduzidos a duzentos mil. Uma espécie de genocídio cultural que, dentre todas as violências possíveis, nos últimos duzentos e cinquenta anos, impediu de terem, inclusive, a sua própria língua mantida, proibida em 1755. Para Jaci, *uma violência na alma do povo guarani*. Porém, reflete, mesmo como *guarani em beira de asfalto* não desistem de sua língua, fé e tradições, que são como *brasas debaixo das cinzas*.

O nascimento dessa aliança ocorre ao mesmo tempo em que se inicia o processo do que é hoje o Núcleo de Pesquisa Revitalizando Culturas da Universidade do Sul de Santa Catarina. Uma interação que se dá, de um lado, do compromisso concreto de Jaci em caminhar com o povo Mbyá Guarani e, de outro, com a ciência como orientação para essa inter-relação. Um processo em que o caminhar com o *outro*, o *Outro*, segue ensinando. Uma experiência que soma mais de quinze anos e que propicia, portanto, para Jaci, subsídios para uma reflexão de salto científico qualitativo, porque a reflexão, a teorização é sobre o vivido. Um momento praxiológico e continuado que em 2012 permitiu um balanço daqueles até então quatorze anos de interação entre Núcleo de

⁹ Todas as citações (itálicos) sem marcação desta passagem são de Jaci e remetem a esta fonte: passagem parafraseada e citada da Revista eletrônica Ciência em Curso. São quatro vídeos em que Jaci compartilha as experiências dos, até então, quatorze anos do Núcleo Revitalizando Culturas do qual é fundador e coordenador e sua aliança com o povo Mbyá Guarani: http://www.cienciaemcurso.unisul.br/interna_capitulo.php?id_capitulo=175 acessado em 14 de janeiro de 2014.

Pesquisa, Universidade e Povo da aldeia do Morro dos Cavalos, e do qual nos compartilha, sempre resguardando, em suas palavras, *o protagonismo dos sujeitos dessa interação.*

Desse processo, continua, muitos são os momentos em que os índios mostram que estão *sentindo se renascer*, e com seu renascer, *[vão nos colocando] em uma constante avaliação de reflexão científica:*

Nessa relação de ensino, pesquisa e extensão, [a gente vem sentindo] que a nossa ciência antropológica e a nossa aproximação com o diferente cultural é muito recente. A humanidade é analfabeta nessa relação ainda [...]. Nós da linha da pesquisa científica na Unisul temos sentido neste aprendizado docente-discente que a vivência com esses povos, a vivência com o diferente cultural, nos coloca em uma reflexão, em avaliação de reflexão científica profunda e continuada.

Trata-se de um povo, de uma comunidade de vida, de todo um modo de ser, negado e impedido pelo modo de ser moderno, que nega a negação e luta por se refazer, e que, portanto, parafraseando Jaci, precisavam, naquele primeiro momento de encontro, ter o direito de *se buscarem a si mesmos*¹⁰, em suas palavras, de *se reencontrarem em suas especificidades éticas: o próprio povo que está naquela montanha sagrada tem vontade de renascer.*

E quando esse sujeito consegue reunir os cacos do seu ethos, do seu jeito de ser e se compor *como alguém que é diferente, que é importante e que é sagrado neste mundo;* quando a ética, portanto, segue Jaci, o ethos, emerge, aflora na relação com a estética, promove o aflorar dos constitutivos próprios do seu ser, do seu jeito próprio de ser; e enquanto vai se redizendo para si mesmo, *vai também mostrando para nós que nós precisamos de uma revolução do olhar. E todos nós, nesse ir e vir nas aldeias, reflete, nessa inter-relação de sujeito com sujeito, nos tornamos alunos dos índios. Eles vão nos oferecendo um mundo dos trópicos que não nos ensinaram na escola, numa escola que é eurocêntrica. Uma escola de pouca africanidade e pouquíssimo de sabedorias dos povos originários dessa tropicalidade.*

¹⁰ Para Jaci, naquele momento, os índios *precisavam ter o direito de se buscarem a si mesmos.* É uma das vertentes do trabalho que desenvolve na aliança entre Mbyá Guarani e Núcleo de Pesquisa Revitalizando Culturas do qual coordena e cujos resultados podem ser vistos em www.revitalizandoculturas.blogspot.com.br.

Um caminhar que enquanto persistiam na *luta para recuperar a terra, a quem eles chamam de mãe, a tekoá, um lugar passível de se viver*, se registra também o fortalecimento de sua economia e de sua jurídica, outros dois pilares de sua cultura: uma profunda economia de reciprocidade ainda resistente, como já dito, como *brasa debaixo das cinzas*, e uma estrutura jurídica muito forte e *desconhecida até então por nós*, e que, para Jaci, naquele determinado momento de luta pela terra, precisava conhecer, também, no mundo do não índio, os seus direitos.

A gente observa que as lideranças que estão caminhando precisam desse tipo de mediador que esteja sempre junto deles mas também junto de um mundo que não é o mundo deles, de forma que este tipo de interação possa estar justo, usufruindo de todos os valores, unindo todas as energias.

Durante a luta para a recuperação da terra sagrada, a criação do Conselho Estadual dos Povos Indígenas foi um momento fortíssimo. No início do processo da aliança com o povo Mbyá Guarani, o Núcleo de Pesquisa Revitalizando Culturas, ainda sob o nome de Ações Continuadas Unisul, coordenado por Jaci, passa a ser o elo entre Universidade, povo Mbyá Guarani e outras instituições governamentais e não governamentais, que animou com outras entidades, obedecendo a Constituição brasileira, a criação, então, do Conselho Estadual dos Povos Indígenas, o primeiro da história de Santa Catarina e um dos primeiros do Brasil:

Nessa interação com as organizações dos três povos indígenas que compunham e compõe Santa Catarina nesse momento histórico, foi criado o Conselho Estadual dos Povos Indígenas. A Unisul é aquela que vai interagir com essas três forças. Os índios de um lado, e os representantes de ONGs e OGs de outro. É ela que vai fazer essa interação. Isso está registrado por exemplo na troca das presidências entre as três etnias [...]. A Unisul permanece, sempre é escolhida, no caso da minha pessoa, como o Secretário Geral.

Uma aliança que há mais de quinze anos colhe frutos, conhecimento, solidariedade, conquistas e que segue na atual exigência, dentre tantas outras, da obediência à Constituição brasileira para homologação da Terra Indígena devolvida, portanto, reconquistada pelo povo Mbyá Guarani do Morro dos Cavalos em Palhoça. Há deputados federais, senadores de Santa Catarina e o próprio judiciário contrários à desintrusão e prestes a entrar com recurso contra à demarcação das terras no Ministério da Justiça. Porém, a persistência dos guarani não diminui, como exemplificada aqui em

sua mobilização em outubro de 2013. Lição, para Jaci, de autonomia indígena e de solidariedade dos não-indígenas. “Eles se uniram aos outros povos originários que de norte a sul cobraram obediência à Constituição no [seu] aniversário de 25 anos. Aweté Nhanderu! (Deus nos abençoe!)”.¹¹ Da manifestação há um vídeo¹² realizado pela jornalista Elaine Tavares¹³, diretora do Instituto de Estudos Latino Americanos da Universidade Federal de Santa Catarina, cujo empenho desmedido em distintas causas do povo de Santa Catarina é necessário destacar.

Por fim, sem esgotar esses quinze anos de lutas e de todas as sementes que podem ser compartilhadas da aliança profunda entre o povo Mbyá Guarani e Jaci, enquanto escrevo essa pequena passagem de sua jornada, imagino, a partir do que nos compartilha, se nós, enquanto crianças *modernas*, crescêssemos aprendendo sobre a responsabilidade de cada um para com seu povo, como é o caso do jovem índio que nos ensina, através de Jaci, a olhar ao redor, em meio à escuridão dos nossos tempos, e caminhar buscando a luz para todos.

Sirvo à Vida, Sou Feliz! Quando o que é liberto é o conteúdo da Vida humana

Era idos de 1980. Na cadeia de menores, construída para cento e vinte, se exprimiam duzentos e oitenta meninos e adolescentes, dos dez aos dezoito anos de idade. Chamava-se Queiroz Filho, em Piraquara, Paraná, Brasil. Após tantas insistências do Major, Jaci aceitou ajudar a transformar a cadeia em escola. Foram cinco anos de lutas, de organização e trabalho árduo para animar equipes externas a fim de concretizar os objetivos. Após quase três anos os frutos começaram a despontar: equipe de técnicos e especialistas consolidada, oficinas, esporte, catequese, greves de fome para a mudança da comida que mais parecia lavagem, etc.

¹¹ Publicado no blog do Núcleo Revitalizando Culturas: <http://revitalizandoculturas.blogspot.br> acessado em 14 de janeiro de 2014.

¹² É possível assistir à íntegra do vídeo “Mobilização Nacional Indígena/ Santa Catarina” em: www.youtube.com/watch?v=7JV9aMZrRHY&sns=fb.

¹³ Para conhecer um pouco do trabalho de Elaine Tavares, ver www.eteia.blogspot.com.br, e sobre o Instituto de Estudos Latino Americanos, www.iela.ufsc.br.

Jaci e os outros fizeram vários retiros dormindo na prisão e conseguiram uma casa de apoio para os que saíam e eram filhos da rua. Dentre eles, Gabriel, dezessete anos. Teve muito crescimento. Sem família, foi batizado pelos padrinhos Ariosvaldo e Leoni. Apresentou um dia o seu desenho sobre a liberdade: uma gaiola com um pássaro e a frase: *ser livre é ser como pássaro, mesmo preso na gaiola acha razões para cantar*.

Reconquistando a liberdade, agora também das cadeias de concreto e aço, sendo já um animador de outros jovens acompanhando Jaci nas andanças de apostolado, foi morar na casa de seus padrinhos. Mas não conseguiu. Nunca tinha convivido numa casa de família. Sentia-se perdido e sumiu. Após três ou quatro anos, aparece uma carta de Gabriel para Jaci:

Estou bem. Botei prá trabalhar e me casei. Escrevo prá pedir desculpas pela minha fuga. Eu tinha vergonha de viver numa família, eu ficava todo sem jeito. Peço mandar endereço de meus padrinhos. Vou escrever para eles. Obrigado de coração. Aqui nós vamos sempre à missa. Estou feliz! Seja sempre muito feliz” (Gonçalves, 2013: 45).

Inspirar o *outro* a erguer a cabeça e caminhar é talvez uma das mais complexas tarefas dos homens e mulheres que, inconformados com a realidade, se dedicam para transformá-la. Essência aparentemente simples dos sábios mestres que realizam ou inspiram transformações incalculáveis quando o que é liberto é a vida humana em seu conteúdo: *ser livre é ser como pássaro, mesmo preso na gaiola, acha razões para cantar*.

E porque a cabeça pensa a partir de onde os pés pisam, ensina Leonardo Boff¹⁴, cada qual em seus momentos históricos e contextos políticos elegem ou são eleitos pelas injustiças contra as quais lutam e como lutar. Jaci optou pelos simples, encontrou-os ou foi encontrado por eles e, com eles, fez da entrega, dedicação, compromisso incansável, sincero e profundo – *agapé ou amor* - o seu projeto de vida comum.

Assim, se pretendemos com a ciência dar o salto ético e atender aos gritos muitas vezes mudos mas sempre desesperados dos que clamam pela vida e viver para transformar as estruturas *desumanizantes*, produtoras e reprodutoras de extremo sofrimento em seu

¹⁴ Do texto A Águia e a Galinha de Leonardo Boff do site: www.olimon.org - http://www.olimon.org/joseluis/a_aguia_e_a_galinha.pdf acessado em 17 de dezembro de 2013.

oposto, havemos de caminhar ao lado destes sábios mestres capazes de tornar simples o que permanece (quase) imperceptível à razão moderna e observá-los, encontrá-los em algum canto de uma sala vazia e ouvir, para que, talvez, se estivermos preparados para aprender, possamos dar passos cada vez mais profundos e significativos em direção a tudo aquilo do qual a ciência humana e social, em especial as críticas, tanto cobram.

Olhar o *outro* como *Outro*, como alguém que é único, em suas palavras, *que é importante e que é sagrado neste mundo*, permite Jaci caminhar entre e com as mais distintas maneiras de ser e de estar do ser humano no mundo. Algo, talvez, simples de compreender quando reflete em favor, como diz, da *grande família cujo único sobrenome é humano* e, em especial, das vidas anônimas e heróicas do mundo dos excluídos, *excluídos dos direitos humanos à vida e à liberdade*.

E permanece simples quando assume a responsabilidade das próprias palavras e dedica seu pensar e sua ciência para servir à vida no compromisso concreto e complementar entre pensar, dizer e agir de subverter, com eles, o sofrimento em sorriso, as estruturas que matam por fome em uma comunidade que permite a criança viver; em criar submerso em uma cultura da morte, uma obra biocrática, que se deixa governar pelo valor inestimável da vida, capaz de humanizar e de aprender com aquele cujo caminhar com as próprias pernas parecia impossível, mas que agora, não só ergue a cabeça, como ensina: *é a sabedoria dos humildes. Eles sempre elegem o perdão, a desculpa, como elemento inicial para crer de novo na força do amor*. Como é o caso de Irene: *foi convertida ao amor pela dedicação de amor. Quando morreu, era o símbolo da alegria, da paz alegre, reconciliada*. Trata-se, por fim, de subverter instituições perversas como as cadeias para os “menores delinqüentes”, aqueles cujo lar é a rua, em espaços capazes de libertar, uma escola, cuja liberdade se conquista ainda dentro das cadeias de aço e concreto.

Ações cuja essência atinge e parte da dignidade própria e absoluta, do *ethos* criador, mais uma vez, único, sagrado e próprio de cada um, de cada ser humano e vivente, de cada comunidade de vida, de cada povo. Aquilo que aqui tenta se aproximar do que permanece (quase) imperceptível à razão moderna. Ações que exigem, como já dito, a humildade de quem sabe o quanto tem a aprender com quem a sociedade moderna

exclui, oprime, nega e mata, como, por exemplo, aprende ensinando e ensina aprendendo com o povo Mbya Guarani da Terra Sagrada do Morro dos Cavalos.

Contra a correnteza colonial cuja força cega destruiu e destrói a tudo e a todos os diferentes (a alteridade), oculta, oprime, exclui e mata, a habilidade de construir utopias, inspirar solidariedade, responsabilidade, coragem, esperança, perseverança, persistência, é necessidade básica, é questão de vida e de morte. Transformar essa habilidade (quase) imperceptível à razão moderna em algo simples aos olhos atentos, é a essência que faz deste sobre quem escrevo um Mestre.

A sala com a folha de papel escrita *Erga a cabeça e caminhe com seus próprios pés!* presa à porta é do professor doutor, cantor, tocador de viola, poeta, Jaci Rocha Gonçalves, Mestre do Mundo, Mestre da Vida. Aquele que encontrou os simples e vive amando. Esse sobre quem tive a honra de escrever aprendendo.



Jaci Rocha Gonçalves

Em setembro de dois mil e quatorze Jaci Rocha Gonçalves completa seus sessenta e cinco anos. É natural de Capivari de Baixo, interior de Santa Catarina, sul do Brasil. Em 1973 se graduou em Filosofia pela Faculdades Associadas do Ipiranga e, em 1975, em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Desenvolveu seu mestrado em Jornalismo e Comunicação Social pelo Centro Internazionale Studi Opinione Pubblica em 1986 e em Missiologia (Teologia e Culturas) pela Pontifícia Universidade Urbaniana. Em 1997, em Roma, concluiu seu doutorado também em Teologia e Culturas pela mesma Pontifícia Universidade Urbaniana. Dentre dezenas de publicações, escreveu os livros *Antropologia: ciência do ánthropos*, *Experiência do Sagrado e Religião* com Roberto Iunskoviski, *Dom Orione: Missionário no Brasil e Homo Serviens: Sirvo à Vida, sou feliz!*. Atualmente é docente das áreas de Antropologia e Ética da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), coordena Produções Ético-Estéticas Mborai Marae-y, Tery Marae-y e Jerojy Marae-y, além de fundador e também coordenar o Núcleo de Pesquisa Revitalizando Culturas. Núcleo, este, cuja sala tem na porta a tal frase. Sua caminhada, porém, como vimos, não se dá

apenas na academia. Fora dela, é ainda mais longa. Aqui, tentou-se oferecer uma breve apresentação de sua jornada pelo mundo da vida, marcada pelas palavras, para reafirmar, que são parte do título de um de seus livros: *Sirvo à Vida, sou feliz!*

Referências bibliográficas

BOULAGA, Fabien Eboussi. **La crise Du Muntu. Authenticité africaine et philosophie.** Paris: Présence Africaine, 1977.

DUSSEL, Enrique. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GONÇALVES, Jaci Rocha. **Homo Serviens: Sirvo à vida, sou feliz!** Palhoça, 2013.

GONÇALVES, Jaci Rocha. **O cultural do *ánthropos* e as escolas antropológicas.** Palhoça: UnisulVirtual, 2008.

GONÇALVES, Jaci Rocha. **Dom Orione: missionário no Brasil.** São José: [s.n.], 1995.

GONÇALVES, Jaci Rocha e IUNSKOVISK, Roberto. **Experiência do sagrado e religião:** livro didático; design instrucional Marcelo Mendes de Souza, [João Marcos de Souza Alves]. – 1. ed. rev. – Palhoça: UnisulVirtual, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência.** 8. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.